

OPÚSCULO 8

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

Susana Ventura

O OVO E A GALINHA

*Para iniciandos em arquitectura ou para quem quiser desfazer alguns mitos
(e manter outros)*

Sobre ficção e arquitectura

Costumo andar entretida a pensar em histórias, ficções, para tudo o que penso sobre arquitectura. Sobre Le Corbusier, por exemplo, distraí-me com a história de um Corvo que um dia aparecera na minha cabeça, quando me deitara por entre as ervas do jardim. Muito perturbado, esse corvo. Andou na minha cabeça, de um lado para o outro, a noite inteira. Em todas as pessoas que observo, encontro mil e um traços para as minhas personagens. É uma das minhas actividades preferidas: observar as pessoas, deter-me nos pormenores da sua simples existência. Quase sempre, são pessoas simples que gosto de observar, mas nas quais encontro um gesto ou uma posição do seu corpo, que denuncia toda a sua existência. Metamorphoseio-as, transformo-as, não em personagens maiores do que a vida (responsabilidade da verdadeira ficção ou romance), mas em figuras de um dia a dia, que habitam espaços banais como os com que me entretenho a pensar no resto do dia. Mostram-me como nos podemos apropriar de um determinado espaço, com os seus gestos e movimentos, com o que trazem no pensamento. De vez em quando, aparece uma personagem mais enigmática. Uma bailarina a quem não se conhece o nome, presa num recanto da memória de um edifício. A outras, dou-lhes um nome, saído do enorme conjunto de referências que vou coleccionando. Algumas dessas referências estiveram, inclusivamente, adormecidas no pensamento à espera do momento exacto para aparecerem por entre as palavras. Ainda este Verão, pensava sobre o espaço vazio. Desde Fevereiro, habitavam,

na minha cabeça, duas personagens: Artur e Alice. Misteriosamente, tinham sido elas a escolher os seus nomes e não eu. Embora quem as lesse, identificasse, perfeitamente, os traços que encontravam no meu pensamento. Pouco tempo antes, partilhara os meus dias com outras duas personagens já muito minhas conhecidas. O Corvo reaparecera em carne e osso e não em penas e membranas, muito bem acompanhado por uma Senhora do meu imaginário de adolescente. E, andava eu a pensar sobre o espaço vazio, quando reapareceram e fizeram-se acompanhar de outras tantas para significar essa história sobre o espaço vazio, sobre o vazio. Todas cumpriam uma função ou um tipo. A sua intervenção era, perfeitamente, delimitada, circunscrita a uma determinada posição ideológica, conceptual, sobre o vazio. Como se elas fossem a perfeita corporalização desse vazio de que falavam.

Hoje, escrevo sobre o ovo e a galinha. Também eles têm a sua história na minha história. Conheci-os, pela primeira vez, numa aula de Maria Filomena Molder. Assim que ouvi falar neles, já como personagens de dois contos de Clarice Lispector, apeteceu-me escrever sobre eles. Eis que chegou esse momento, mas não consigo avançar sem antes pensar sobre esta tradição onde agora se inserem. Talvez, também, porque sinto que, desta vez, devo esclarecer o leitor deste pequeno opúsculo. Se todas as outras personagens são a representação (a palavra escrita, *quer se queira ou não*, é uma representação tal como o desenho) de pessoas banais, comuns, que habitam os espaços das nossas cidades, dos nossos edifícios, dos nossos vazios, o ovo e uma galinha, fazendo parte, por vezes, do nosso quotidiano, na frigideira ou no forno do fogão, não nos obrigam a pensar sobre o espaço ou sobre a arquitectura. Com certeza, estes também não são um ovo e uma galinha quaisquer, mas aqueles dos contos de Clarice Lispector, onde são personagens maiores que a vida, onde dizem a vida pela palavra escrita. Poderá pensar-se, até, que é absurdo pensar sobre arquitectura a partir da história de um ovo e de uma galinha. A ficção, no entanto, tudo permite. É um mecanismo que testa o próprio limite das palavras como símbolos. Como diz Louise, *As palavras interligadas podem revelar novas relações... uma nova visão sobre as coisas*.¹ Em arquitectura, também. Nunca podendo igualar o espaço tal como existe, as palavras sobre o espaço podem desencadear novos espaços, mesmo que permaneçam, para sempre, nas palavras, no pensamento. Aqui.

1

Uma galinha

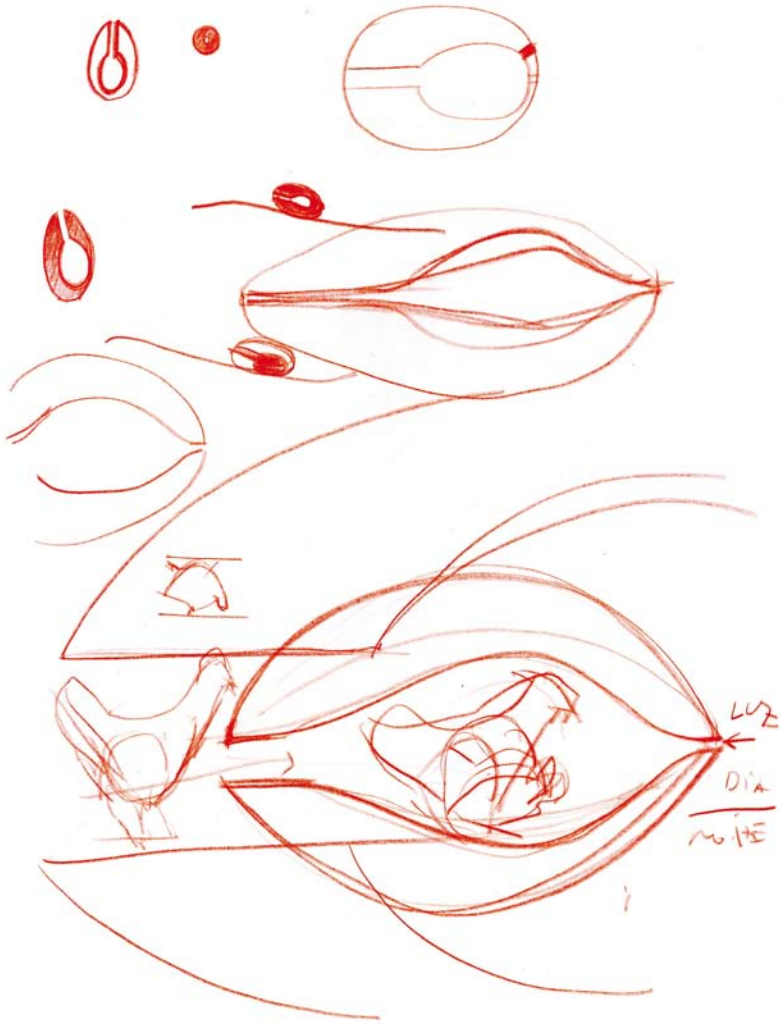
Apareceu, um dia, no, ainda, atelier do pátio das escadas amarelas, uma família com um pedido bastante invulgar. Sentados, o pai, a mãe e a filha, à minha frente, pareciam uma família séria. Não existia nada neles que me fizesse desconfiar das suas intenções. Mas, assim que começaram a explicar o seu pedido, pensei se não estaria eu a ouvir mal ou mesmo a sonhar. Acontecia-me, muitas vezes, ouvir pedidos que não pertenciam senão aos meus sonhos. Perplexa, à espera de ser corrigida, perguntei-lhes com hesitação: «Pretendem uma casa para uma galinha?» Os três acenaram que sim, ao mesmo tempo. Do espanto, contive o riso e pedi-lhes que me explicassem melhor a razão para quererem uma casa para uma galinha, que, mais cedo ou mais tarde, acabaria nos seus pratos (omitindo, claro, esta última parte). Foi, então, que o pai começou a contar a história da galinha, lamentando-se do quanto a fizera sofrer: «E dizer que a obriguei a correr naquele estado!»²

Era Domingo de manhã, ainda não passava das nove horas. A galinha, que haviam escolhido para o seu almoço, encolhera-se a um canto da cozinha, até que, quando menos esperavam (*nunca se adivinharia nela um anseio*³), abriu as asas, inchou o peito e saltou para o muro do terraço. Ainda vacilou, enquanto a cozinheira dava um grito e chamava alarmada a família inteira, mas, assim que se recompôs, desajeitada, num outro voo, alcançou o terraço do vizinho e, daí, um telhado. O pai, vendo o almoço junto de uma chaminé, decidiu ir atrás da galinha. Vestiu uns calções de banho e, em breve, alcançou o telhado, onde

a galinha pousava, ora num pé, ora noutra e de onde fugiu, novamente. E, assim, sucessivamente, numa perseguição intensa, de telhado em telhado, até que o pai a agarrou e a trouxe de volta à cozinha. Foi, então, que aconteceu: a galinha pôs um ovo. A filha, que assistira estarrecida ao parto, depressa chamou a mãe, pedindo-lhe que não matasse mais a galinha. Correram todos de novo para a cozinha e, olhando para a jovem parturiente, decidiram que ela passaria a morar com a família. *A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam.*³

Tudo o que eu sabia sobre a galinha: *Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho—era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos. [...] Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se pode contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista.*³ E, no entanto, existe uma utilidade na galinha. Ela cumpre uma função: a de carregar o ovo. Tudo o que eu poderia fazer para desenhar uma casa para uma galinha era ainda acreditar que existia uma função específica, concreta, para se pensar num espaço para a abrigar, a ela e ao seu ovo. Não creio que fizesse grande diferença entre pensar naquela galinha ou numa outra galinha qualquer, mesmo que naquela, que agora passava os dias entre a cozinha e o terraço dos fundos, permanecesse uma vaga memória da grande fuga. Também, não me aborreceria pensar, aleatoriamente—pelo contrário—num determinado espaço, numa casa para uma galinha, que fosse, sem que para ele exista uma função. Neste caso, até podia ainda pensar, não na função do espaço, mas na

existência da galinha no mundo. E, quanto a esta, talvez pudesse pensar no que de extraordinário poderia oferecer a uma galinha na sua casa. Um espaço para dormir e um rasgo de luz pela manhã para acordar... (Ouvira dizer que o sol dita os seus ciclos.) Já que não sabe mais do que comer, dormir e andar de um lado para o outro, com o corpo atrás da cabeça *rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado*.³ Refeita do susto. Era uma excelente oportunidade. Nem todos os espaços têm uma função a cumprir e, certamente, a casa, seja para uma galinha ou não, não é o espaço do útero, o abrigo primordial. De volta ao início.



2

O ovo e a galinha

Invertamos as coisas. A galinha é apenas uma desculpa para a existência do ovo. O ovo é perfeito. É a forma perfeita. Mais do que o círculo.⁴

O ovo terá sido talvez um triângulo que tanto rolou no espaço que se foi ovalando. —O ovo é basicamente um jarro? Terá sido o primeiro jarro moldado pelos etruscos? Não. O ovo é originário da Macedônia. Lá foi calculado, fruto da mais penosa espontaneidade. Nas areias da Macedônia um homem com uma vara na mão desenhou-o. E depois apagou-o com o pé nu.⁵ Com o tempo, o ovo se tornou um ovo de galinha. Não o é. Mas, adoptado, usa-lhe o sobrenome. —Deve-se dizer ‘o ovo da galinha’. Se se disser apenas ‘o ovo’, esgota-se o assunto, e o mundo fica nu. —Em relação ao ovo, o perigo é que se descubra o que se poderia chamar de beleza, isto é, sua veracidade. A veracidade do ovo não é verosímil. Se descobrirem, podem querer obrigá-lo a se tornar rectangular. (Nossa garantia é que ele não pode: não pode é a grande força do ovo: sua grandiosidade vem da grandeza de não poder, que se irradia como um não querer.) Mas quem lutasse por torná-lo rectangular estaria perdendo a própria vida. O ovo nos põe, portanto, em perigo. Nossa vantagem é que o ovo é invisível. [...] Quanto ao corpo da galinha, o corpo da galinha é a maior prova de que o ovo não existe. Basta olhar para a galinha para se tornar óbvio que o ovo é impossível de existir. [...] Para que o ovo use a galinha é que a galinha existe.[...] A galinha olha o horizonte. Como se da linha do horizonte é que viesse vindo um ovo. Fora de ser um meio de transporte para o ovo, a galinha é tonta, desocupada e míope. Como poderia a galinha se entender se ela é a contradição de um ovo? O ovo é ainda o mesmo que se originou na Mace-

dónia. A galinha é sempre a tragédia mais moderna. Está inutilmente a par. E continua sendo redesenhada. Ainda não se achou a forma mais adequada para uma galinha.[...] Mas para a galinha não há jeito: está na sua condição não servir a si própria. Sendo, porém, o seu destino mais importante que ela, e sendo o seu destino o ovo, a sua vida pessoal não nos interessa.[...] Dentro de si a galinha não reconhece o ovo, mas fora de si também não o reconhece. Quando a galinha vê o ovo pensa que está lidando com uma coisa impossível. E com o coração batendo, com o coração batendo tanto, ela não o reconhece.⁶

Não hesito: uma casa para uma galinha só pode ser um ovo. E, para a minha própria sobrevivência, também, não o quero tornar rectangular. Todos deveríamos aprender a desenhar o ovo. Nem uma linha que fosse recta. *O ovo é uma exteriorização. Ter uma casca é dar-se. O ovo desnuda a cozinha. Faz da mesa um plano inclinado.⁶* O interior do ovo é ainda mais perfeito do que o seu exterior, porque, no interior, o ovo é constituído, apenas, por intensidades. É um corpo sem órgãos: *Antes da extensão do organismo e da organização dos órgãos, antes da formação de estratos, um ovo intensivo definido por eixos e vectores, gradações e pontos de intensidade máxima, tendências dinâmicas com mutações de energia e movimentos cinemáticos com deslocações de grupos, migrações, tudo, independentemente, de formas acessórias, porque os órgãos não aparecem e não funcionam, aqui, senão como intensidades puras.⁷* No ovo, não existem órgãos. Apenas distribuição de intensidades.⁸ *É o estado de um corpo 'antes' da representação orgânica.⁹* O ovo é anterior à galinha. Ao corpo da

galinha. *Foi o ovo que achou a galinha.*¹⁰ E é, também, anterior à Família (mesmo sendo um ovo).¹¹ O ovo elimina as funções de dormir, comer e andar de um lado para o outro da galinha. Estas são secundárias numa casa (deveriam ser sempre secundárias). Pela mesma razão, o ovo não é uma prótese da galinha, mas sim um espaço intensivo. Uma prótese é uma extensão do corpo ou a intensificação de um sentido, mas, mesmo que este atinja níveis de intensidade máxima (conduzindo, por vezes, a estados hipnóticos ou narcóticos), as intensidades, que percorrem um corpo sem órgãos, são de natureza diferente. Num corpo sem órgãos, não existe extensão de um órgão ou órgãos, nem eliminação de órgãos (apenas de organismos), mas sim deslocções de órgãos, que são, pela sua natureza, receptáculos de sensações... O pequenino coração sobressaltado da galinha aparece na sua cabeça rápida e vibrátil. O que poderá sentir, então, a galinha dentro da sua casa, dentro do ovo? No ovo, o seu pequeno corpo deixa de ser o corpo que conhece para ser casa. E sentir cada espaço da casa como corpo. Mesmo que a galinha não reconheça o ovo, não o vê como abrigo ou extensão do seu útero. Apenas deseja ser ovo. Dentro do ovo, é, aliás, inevitável.¹² O ovo, por sua vez, participa na reversão do corpo pequeno da galinha. Ele é, também, pequeno, minúsculo, contraindo-se, inchando, a cada deslocção de asas da galinha, que tocam, por vezes, as suas paredes. É uma membrana mutável a cada dia que se deixa conhecer pelo único orifício nas suas paredes, por onde a luz perpassa. E, se se poussa sob

outro ângulo ou rola sobre o espaço, é *outro* ovo e *outra* galinha, infinitamente. Dentro do ovo, ovo e galinha são indiscerníveis (mesmo que o ovo tenha encontrado a galinha). Mas, subitamente, a galinha não se encontra mais no interior do ovo, mas no seu exterior. As suas penas são o exterior do ovo. E o interior do ovo é o interior do seu corpo. Há um espaço entre o exterior e o interior do ovo, um espaço entre-dois, que só é habitado pela galinha que é ovo.

3

A casa

Passaram-se alguns dias, após a visita da família ao atelier. A casa para a galinha estava praticamente desenhada. Fizeram-se algumas maquetas, à escala 1:1, após os desenhos iniciais, para acertar pormenores. O orifício, para o clarear da manhã penetrar e o vento soprar, ainda precisava de encontrar o diâmetro certo. O diâmetro de um raio de luz e de uma brisa do vento. Fizeram-se vários ensaios. E, naquele momento, precisávamos de verificar as medidas da galinha. Sobretudo, para dimensionar, correctamente, o espaço de entrada. Queríamos-lo tenso, mas flexível, para que, à medida que a galinha avançasse no interior do seu ovo, o espaço pudesse expandir como as suas asas. O material que pensávamos para o interior assegurava-nos isso, também. Era a membrana. Não pensávamos em metáforas. Não! O espaço intensivo é um espaço físico, ao qual atribuímos medidas, mas das quais é independente. Não é pelas medidas que é intensivo. Mas pelo que se passa, pelo que acontece no plano que desenha e constrói entre o seu limite—a parede—e o limite que a galinha desenha entre si e o espaço que habita. Facilitava-nos o facto da galinha não ter consciência de si.¹³ Um dos nossos jovens colaboradores, entusiasmado pelo ovo, telefona ao pai a pedir que traga a galinha ao atelier. Estávamos todos ansiosos. Eis que nos chega a notícia. O jovem colaborador, trémulo ainda, vacilou perturbado: *Um dia mataram-na, comeram-na.*¹⁴

Este opúsculo escreve-se a partir de dois contos da autora brasileira Clarice lispector, «Uma galinha» in *Laços de Família*, Lisboa, Relógio d'Água, s/d, pp. 27–29. Clarice lispector, «O ovo e a galinha» in *Contos*, Lisboa, Relógio d'Água, Maio 2006, pp. 46–54.

NOTAS

- 1 Louise BOURGEOIS, *Destruction of the father. Reconstruction of the father: writings and interviews 1923–1997*, London, Violette Editions, 2005, p. 49 (1.ª ed. 1998).
- 2 Clarice LISPECTOR, «Uma galinha» in *Laços de Família*, Lisboa, Relógio d'Água, s/d, p. 29. No parágrafo seguinte opta-se por um breve resumo deste conto, com algumas transcrições, em vez da sua transcrição total, devido à interferência do narrador.
- 3 *Ibid.*, pp. 27–29.
- 4 É esta a opinião, por exemplo, de Louise Bourgeois: «An egg is richer than a circle.» in BOURGEOIS, *op.cit.*
- 5 Clarice LISPECTOR, «O ovo e a galinha» in *Contos*, Lisboa, Relógio d'Água, Maio 2006, p. 47.
- 6 *Ibid.*, pp. 48–49.
- 7 Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, *Capitalisme et Schizophrénie 2: Mille Plateaux*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1980, p. 190. Tradução própria.
- 8 Em *Mille Plateaux*, a imagem que ilustra o capítulo “Comment se faire un corps sans organes?” é a de um ovo de Dogon e a respectiva distribuição de intensidades.
- 9 Gilles DELEUZE, *Francis Bacon: Logique de la Sensation*, Paris, Éditions de la Différence, 2 vols, 1979, p. 33, vol. I. Tradução própria.
- 10 Lispector, *O ovo e a...*, *op.cit.*, p. 49.
- 11 Deleuze utiliza a expressão «corpo sem órgãos» a partir da obra de Artaud «Para acabar de vez com o juízo de Deus». Nesta, Artaud não declara guerra somente à organização do corpo mas, também, a todos os organismos que orientam e moldam esse corpo: Família, Igreja, Estado... Adolf Loos, por exemplo, já entendia a Família como um organismo apodrecido. E, é importante salientar que, embora conhecesse, na maior parte dos casos, muito bem as famílias para quem desenhava uma casa, Loos limitava-se a desenhar um limite, um contorno, uma membrana. O Arquitecto saía antes da ocupação da casa pelos seus habitantes.
- 12 «Não é mais a minha cabeça, mas sinto-me dentro de uma cabeça, vejo e vejo-me dentro de uma cabeça, ou melhor, não me vejo no espelho, mas sinto-me dentro do corpo que vejo e vejo-me dentro deste corpo nu quando estou vestido...» Deleuze, *Francis Bacon...*, *op.cit.*, 1979, vol. I, p. 35. Tradução própria.
- 13 Cf. José GIL, «A consciência do corpo. A zona.» in *Movimento total: o corpo e a dança*, Lisboa, Relógio d'Água, Novembro de 2001, pp. 157–182.
- 14 Lispector, *Uma galinha*, *op.cit.*, p. 29.

SUSANA VENTURA (Coimbra, 1978), formou-se no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra em 2003. Actualmente prepara dissertação de Doutoramento sobre o corpo sem órgãos da arquitectura na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

OPÚSCULOS é uma colecção de pequenas obras de autores portugueses onde se dão a conhecer diferentes perspectivas contemporâneas sobre a arquitectura, a sua prática e teorias e o que se pensa e debate em Portugal. Estas pequenas construções literárias sobre arquitectura estão disponíveis em www.dafne.com.pt .